

À Biblioteca Pública de

Braga

30  
MARÇO  
1963

## SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

O DESENVOLVIMENTO  
ECONÓMICO DE BRAGA

Referimos, no número anterior, o panorama decadente em que o progresso da cidade de Braga se encontra. Já de si isso representa um sintoma de depauperamento económico. O pior, porém, é que o aspecto intrinsecamente relativo à economia apresenta miragens mais desalentadoras.

Pode ver-se, com facilidade, como vai evoluindo de maneira favorável o desenvolvimento do País, com um índice de crescimento acentuado. Afirma-o, com a certeza indesmentível da matemática o movimento comercial e a balança de pagamentos, cujo nível de melhoria é dos mais optimistas de sempre. Não é menos significativa a evolução que por todas as terras de poussa numa sequência que nos honra e nos afirma como País progressivo.

A criação de novas indústrias ou a transformação de outras tem-se verificado, a poder dizer-se por toda a parte, se não houvesse a região bracarense a abrir a excepção. Terras cuja debilidade económica causava apreensões viram os seus problemas resolvidos e os horizontes alargados. Braga a terceira cidade do País assistiu a ultrapassagens contínuas que a foram relegando para lugar modesto. Hoje experimentamos dúvidas a considerá-la no lote das primeiros dez maiores

aglomerados nacionais

É evidente, tão evidente que supérfluo é afirmá-lo, isto vem de data atrasada. Situa-se um todo após guerra europeia.

O desenvolvimento urbanístico verificou-se, criou encargos para a sua realização e encargos para a sua sustentação, e como não houve progresso económico ficou-se num depauperamento que é motivo de aflição geral. Foi sua causa um egocentrismo

(Continua na 6.ª página)

## Feira de Paris

Tal como nos anos anteriores, vai realizar-se na capital da França, a já tradicional «Feira de Paris» que terá lugar de 22 de Maio a 3 de Junho.

A «Feira de Paris» teve início no princípio deste século, enriquecendo-se ano após ano.

Foi, todavia, em 1950, que se tornou, por assim dizer, internacional ocupando então uma área bastante elevada.

Estarão presentes, este ano, 42 nações, 260 mil amostras, 12.500 expositores, 120 secções em 480.000 m<sup>2</sup>.

Haverá ainda no «Grand Palais» uma exposição de Arte Moderna além de outras manifestações em que estará incluída a «Noite das Nações».

## Irregularidades

O Cooperativismo é a melhor forma de salvaguardar os interesses de qualquer colectividade.

Há muito tempo que se vem fazendo em Portugal uma doutrinação sobre os fins do Cooperativismo e seus efeitos na sociedade contemporânea. Na prática, pouco se tem realizado. Poucos são aqueles que reconhecem a sua utilidade. Parece inacreditável o caso que vou descrever:

Um litro de vinho verde em Lourenço Marques custa trinta e dois escudos e cinquenta centavos. Como se poderá conceber tal anomalia? Se fôsse no interior da Província ainda se podia tolerar um pouco, dado o facto de o comércio estar por

vezes entregue a pessoas de poucos escrúpulos, ou por o transporte de centenas de quilómetros aumentar o seu custo. Mas a poucos metros do cais de Gorrão é inadmissível.

Há anos que vejo com amargura os maus tratos que recebe aqui em Moçambique o famoso vinho verde. E

(Continua na 5.ª página)

Solução de continuidade no surto  
progressivo da Cidade de Braga

N. da R. — Recebemos com pedido de publicação, a carta que abaixo se transcreve. Sentimos sempre o maior prazer em abrir as colunas deste jornal a quem pretenda colaborar na defesa dos interesses da região bracarense, como acontece com a carta a que aludimos.

Tebosa, 26 — Leitor assíduo do jornal de que V. Ex.ª é muito digno director, acabo de ler o artigo publicado no último número «SOLUÇÃO DE CONTINUIDADE NO SURTO PROGRESSIVO NA CIDADE DE BRAGA», ao qual dou, em princípio, o meu inteiro aplauso.

Sou um modesto cidadão deste concelho, que teve a oportunidade de assistir ao estremitamento vulcânico da urbe bracarense que desde o primeiro dia ditou a renovação urbanística da cidade dos Arcebispos na última década. Tenho um ponto de orientação, nos anos anteriores, que se podem classificar de pura letargia.

A nossa primeira gratidão volta-se ao gesto de agradecimento íntimo ao Governo do Estado Novo, que da sua própria iniciativa e estímulo nos concedeu em magnífica série de dádivas a coroar algumas celebrações da data heroica e empolgante do «28 de Maio». Apenas para lembrar algumas delas: o Estádio, a Rodovia a Escola Técnica, etc. O hospital veio já tarde, mas integra-se num plano de Construções Hospitalares que data da Lei N.º 2.011, de 1946, que se completa mais tarde com o conjunto da Escola de Enfermagem, graças à exclusiva actuação da Misericórdia junto da Fundação Gulbenkian.

Ninguém põe dúvidas de que a gestão camarária soube enquadrar-se no ritmo da renovação e do progresso, que a Paz e as Finanças do Estado nos havia proporcionado, lançando-se ela própria numa obra de mérito, mas valham a justiça e o bom senso, incompleta e defeituosa nos ali-

Continua na 4.ª página

## Justa referência

A tratar de Assuntos de interesse para a Santa Casa da Misericórdia de Amares esteve, esta semana, nesta Vila, o sr. dr. Martins de Carvalho, inspector do Ministério da Saúde e Assistência.

Para completar as suas diligências o ilustre visitante assistiu à reunião da Mesa daquela Instituição comunicando à mesma que lhe foi dado verificar que os serviços de contabilidade e escrita, a cargo do funcionário sr. António Baptista de Macedo Fernandes, se encontram em ordem e com correcção, como é raro encontrar-se nas demais Misericórdias do País.

A Mesa congratulou-se com a apreciação que vem confirmar o conceito geral em que o funcionário é tido.

## PROBLEMAS LOCAIS

## Repondo a verdade

A Justiça, mesmo tardia, é sempre Justiça. A sua voz ressoa sempre bem aos ouvidos que a presam. É especialmente agradável quando ela vem exaltar os méritos de quem por esforços e canseiras fez algo de importante a favor da Grei, em benefício de todos. Muito mais agradável quando a pessoa visada já deixou as suas funções sendo natural o silêncio que tantas vezes é sinónimo de ingrati-dão.

Quando, em meados de 1960 o sr. dr. Eduardo Gonçalves foi nomeado presidente do Município estava praticamente tudo por fazer. Metade do concelho por electrificar, algumas freguesias, principalmente as mais pobres, sem uma única estrada, falta de escolas, na maior par-

te da Vila nem um sintoma de urbanização.

Foi então que aquele ilustre presidente do Município, bem secundado pela vereação, traçou um plano grandioso, de cerca de 6.000 contos, julgado impossível de realização.

Passados poucos meses as obras começaram a surgir como por encanto. Escolas, ruas, pavimentações, e electricidade eram o seu fulcro central.

Ao mesmo tempo que se abriam ruas, pavimentavam caminhos e construíam escolas, surgia a remodelação e total electrificação das freguesias de Barreiros, Rendufe, Carrasedo e Lago e a comparticipação para a electrificação das freguesias do Bico, Dornelas, Goães, Santa

Marta e Santa Maria de Bouro.

Enquanto se construíam as estradas de Paranhos e Proselo surgia a comparticipação para as estradas de Seramil e Vasconcelos.

Assim deixaria de haver uma freguesia sem estrada, o concelho estaria electrificado, as escolas a suprir as necessidades, os caminhos melhorados e pela primeira vez artérias urbanas à altura de uma Vila.

Em três anos estava realizado o impossível, estavam ultrapassados os seis mil contos.

Vêm estas palavras a propósito do que lemos num jornal em comentário à assinatura do contrato para construção da estrada de Seramil. Num elogio que outro fim

(Continua na 4.ª página)

## MENTIRAS COMO TERRA

E entre a maldita, réproba canalha,  
Lá bem longe de nós, lá bem no fundo...  
Arde, murmura, amaldiçoa e ralha.

BOCAGE

Menti, menti, que alguma coisa fica,  
Ensinava Voltaire á mocidade,  
Quando a sórdida, imunda chafarica  
Era d'altares e reis calamidade...

Mentir, mentir, é hoje a mesma trica  
Da velha, três pontinhos, sociedade,  
Que chegando até nós assim futrica  
O que inda tem de bom a humanidade.

Mas nunca por aqui se mentiu tanto  
Como agora se mente; e entretanto,  
O povo cá da terra ama a verdade.

Só alguns desalmados renitentes  
Não deixam de mentir com quantos dentes  
Têm na boca, certos da impunidade.

UERBA



# TRIBUNA PECUÁRIA

## ESCLARECENDO...

Não existe qualquer relação entre o aspecto morfológico e a produtividade dos animais, e muito menos ainda entre os factores morfológicos e a capacidade ou aptidão para a transmissão do respectivo potencial de produção.

Uma vaca não dá nem mais nem menos leite por ser desta ou daquela cor, muito ou pouco malhada, abaixo ou acima dos curvilhões, ter a cauda grossa ou fina, comprida ou curta. Se assim fosse, seria facilímo termos unicamente vacas boas produtoras; para isso, bastava seleccioná-las por esses caracteres e teríamos então um trabalho simples, contínuo, eficiente e barato, ao alcance de todos, e que dispensaria a existência de serviços de investigação, de comprovação e de contrastes de produção, que, mercê de muito esforço técnico, visam e conseguem encaminhar o melhoramento dos efectivos de um país ou duma região.

Um reprodutor dará filhas e filhos bons ou maus produtores conforme a sua própria

constituição genética, a sua capacidade de transmissão hereditária e a favorável combinação dos seus genes com os do participante do sexo oposto, e não segundo é preto, branco ou malhado, tem a pele fina ou grossa, e a cabeça é pequena e bonita ou grande e feia.

É precisamente por isso, e só por isso, que também neste caso se lança mão, para avaliar a qualidade dos reprodutores, das respectivas provas funcionais: contrastes da descendência, isto é, contraste leiteiro das filhas no caso de vacas destinadas à produção de leite, aumento diário de peso no caso de animais para talho, etc.. Deste modo, e só deste, é que é possível classificar com justiça um reprodutor como bom ou mau.

Este processo é porém, infelizmente, caro e demorado e, por isso mesmo, só se utiliza plena e sistematicamente quando se trata de melhorar efectivos já muito evoluídos ou quando se pretenda empregar largamente um reprodutor masculino como acon-

tece na inseminação artificial.

Fora destas circunstâncias e, por exemplo, no caso de um touro, acerca do qual se não possuem dados de contraste da respectiva descendência (é o caso de um animal que vai agora iniciar a sua carreira de reprodutor) tem que se levar em conta, à falta de dados sobre a produção das filhas, a quantidade de leite produzido pela mãe, pelas avós e bisavós e, sempre que possível, pelas irmãs; como dado complementar de maior valia, é ainda informação essencial o saber-se que os touros que figuram na ascendência desse animal têm feito aumentar a produção das respectivas filhas em relação às das mães, ou, pelo menos, a não têm feito baixar.

Como se disse a princípio, não existe qualquer relação entre o aspecto morfológico (cor ou forma das malhas, etc.) e a produtividade dos animais, e muito menos ainda entre aqueles factores morfológicos e a capacidade ou aptidão para a transmissão do respectivo potencial de produção.

## A PONTE...

### e não esqueça

Se faltar com água às suas galinhas, pode crer que a postura será menor! Mas não basta dar-lhes água, é necessário que ela seja fresca e limpa.

Tire o estrume do estábulo com bastante frequência e leve-o para local afastado.

Não junte ovelhas pretas com ovelhas brancas! O rebanho deve ser ou só de animais pretos ou só de animais brancos.

A verdura é indispensável na alimentação das galinhas. Não a misture, porém, com os outros alimentos e administre-a finamente picada.

Na desinfecção das coelheiras dá bom resultado a seguinte

solução:

50 g. de creolina para um litro de água.

A partir dos 10 dias de idade os leitões devem dispor de terra para fossar. Tal prática representa um valioso contributo para a saúde dos animais e a sua resistência à doença.

Durante a primeira semana de vida os patinhos devem receber 6 refeições diárias, constituídas por pão esborado molhado em leite, hortaliças tenras cortadas, etc.

A ordenha das vacas leiteiras deve ser efectuada sempre a horas certas.

Sem higiene nos estábulos não é possível ter vacas saudáveis e leite de qualidade.



## Ao povoar ou repovoar o seu aviário prefira fazê-lo com pintos do dia

O êxito de qualquer exploração avícola depende de muitos tipos e variados factores os quais, grosso modo, se podem dividir em duas categorias principais: uma, composta por aqueles factores cujo impedimento está fora do alcance das possibilidades humanas; outra, de proporções muito maiores, constituída pelos que facilmente se podem evitar ou combater desde que sejam tomadas oportunamente as medidas adequadas. Na última categoria situa-se a modalidade adoptada para o povoamento ou repovoamento dum aviário. Em boa verdade não é indiferente aos resultados económicos de qualquer exploração avícola, começar com galinhas, frangos, oves para incubar, ou com pintos de dia. Cada caso apresenta vantagens e inconvenientes. Há, portanto, que saber qual ou quais oferece maiores garantias. Sem entrarmos em longas considerações referiremos, desde já, que o povoamento e repovoamento com galinhas e frangos, por razões de ordem sanitária e produtiva económica, devem ser completamente banidos.

Quanto às outras duas modalidades, isto é, com ovos para incubar e com pintos do dia, a opção por uma ou outra deverá obedecer às características da exploração. Assim, para a empresa com razoável dimensão, possuidora de efectivos constituídos por raças puras, está indicado promover o repovoamento utilizando ovos da própria exploração, já que, sob todos os aspectos, é a modalidade que oferece maiores garantias. Porém, já o mesmo não sucede para quem vá iniciar a exploração avícola ou que, sendo já avicultor, explore efectivos animais, pois que, nestes casos, a modalidade aconselhada é a com pintos do dia. Em face do baixo preço dos ovos em relação ao dos pintos do dia poderá formular a seguinte pergunta: não será mais vantajoso comprar uma incubadora e adquirir no mercado os ovos para incubar? Não responderemos, e pelas razões seguintes: não é fácil encontrar ovos para incubar que ofereçam as indispensáveis garantias quanto a fertilidade, qualidade e sanidade, pelo que as perdas na eclosão são, em geral, muito baixas e, além disso, os pintos delas nascidos, constituem sempre um enigma. Aceite ainda que a necessidade de adquirir incubadoras obriga a um aumento nos encargos iniciais o que não é aconselhado em principiantes, sobretudo quando se trata de pequenos efectivos. Além destes inconvenientes outros há, tais como a necessidade de pessoal devidamente habilitado no manejo das incubadoras, na selecção dos ovos etc., que mais reforçam o que atrás se refere.

Resta-nos, finalmente, o povoamento com pintos do dia

(Continua na 4 página)

COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS DE VULCANIZAÇÃO DA DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS PECUÁRIOS

### LOCALIZAÇÃO DAS POCILGAS



ERRADO



CERTO

EM RELAÇÃO AOS NÚCLEOS HABITACIONAIS, AS POCILGAS DEVEM SER CONSTRUÍDAS DO LADO PARA ONDE SOPRA HABITUALMENTE O VENTO. EVITA-SE ASSIM QUE OS CHEIROS DAS POCILGAS SEJAM ATRASTADOS PARA AS CASAS DE HABITAÇÃO.



# TRIBUNA do CONCELHO

## Novo Rumo

### no Turismo Nacional

Uma nova fase no turismo nacional abriu-se com a inauguração, no passado dia 27, da sede da agência de viagens STAR, na Av. Sidónio Pais, 4-A, a qual constituiu um acontecimento notável na vida social e económica do país. Assistiram ao acto numerosas entidades e altas individualidades, tendo-se debatido então importantes problemas relacionados com o turismo nacional.

Ao cabo de dois anos, mercê de uma actividade intensa e regular, sempre em ritmo crescente, a STAR, conseguiu elevar-se a um dos primeiros lugares no seu ramo. Apoiados na American Express—a maior organização de viagens do mundo ocidental—os seus serviços tem uma projecção e uma garantia invulgares, assentes numa rede vastíssima de agentes e correspondentes cobrindo muitos países de vários continentes. A sede vem centralizar, assim, uma densa actividade dividida pelos escritórios de venda de bilhetes e organização de circuitos nos Restauradores e no Estoril, secção transitória e delegação na Madeira.

#### Um grande centro de vendas

Mas o principal aspecto inovador das amplas e moderníssimas instalações agora inauguradas é o de reunir não apenas os serviços normais, e em grande escala, de uma agência de viagens, mas também muitos outros que são de maior utilidade para os turistas estrangeiros em trânsito pelo nosso país. Assim, funciona anexo um importante centro de vendas, a «Galeria Star», com os artigos regionais mais apreciados e outros de utilidade prática. Estão patentes os bordados da «Madeira House», as antiguidades e joias da casa Pedro Baptista, artigos *boutique* Triarte com os seus famosos objectos decorativos e utilitários de arte popular e uma tabacaria também com venda de revistas, bem como uma exposição permanente do artesanato português promovida pelo Fundo de Fomento de Exportação. Os turistas estrangeiros utilizarão também as instalações da STAR como centro de encontro e reunião, local onde poderão receber correspondência e telefonemas de todo o mundo. Funciona também, anexo, um depósito de bagagens, que se poderá encarregar de expedi-las para todo o mundo sem qualquer incómodo para o viajante.

Pela primeira vez em Portugal se reúnem, assim, na sede de uma agência de viagens,

aspectos tão diversos, tendentes a facilitar a resolução dos numerosos problemas do turista.

As instalações inauguradas podem considerar-se, no género, das melhores em todo o mundo.

#### O «Credi-Star» permite viajar totalmente a crédito

No decorrer da inauguração —que constituiu um grande acontecimento na vida do país— entidades oficiais usaram da palavra para apresentar alguns dos mais importantes problemas com que hoje se debate o turismo nacional. A propósito, os dirigentes da STAR anunciaram que aquela agência de viagens lançara um inovação que certamente dará um novo impulso no nosso movimento turístico.

Trata-se do «Credi-Star» que permite viajar totalmente a crédito, o qual cobrirá não apenas o custo das deslocações mas igualmente as principais despesas da viagem. O pagamento é feito *depois*, em prestações suaves, o que permitirá a deslocação ao estrangeiro de turistas ou homens de negócios a quem não convenha despende de uma só vez a quantia necessária, ou não disponham dela.

As instalações foram percorridas, no dia 26, em visita pré-inaugural, pelos representantes da imprensa, Televisão, Cinema e Rádio, os quais fizeram desenvolvidas reportagens para o Continente e Ultramar do acto da inauguração.

Leia, Assine

Publique na  
«Tribuna Livre»

## IMPASSIBILIDADE

Porte elegante, modos vaporosos,  
Olhos de luz tão viva e tão bonita  
Como aquela dos astros radiosos  
Que cintilam na abóboda infinita.

Nos castanhos cabelos setinosos  
Não se lhe vê sequer singela fita;  
Nem se serve de unguentos enganosos  
P'ra realce da boca pequenita.

Não se pode dizer qu'ela é vaidosa  
Porque o não é; mas um nada orgulhosa,  
Orgulho natural, sem presunção.

Mas, qual estátua em mármore de Carrara,  
Duma beleza muda, austera e rara,  
Não se lhe descortina o coração...

UERBA

1.ª Publicação



### TRIBUNAL DA COMARCA DE AMARES ANÚNCIO

No dia 14 do próximo mês de Maio, pelas 10 horas, no Tribunal desta comarca e nos autos de carta precatória vindo do Tribunal Judicial de Vila Verde e extraída dos autos de execução sumária que António José de Sousa, casado, proprietário, da Lama-Bouro Santa Maria — desta comarca move a Gracinda de Jesus Gonçalves, viúva do lugar de Lordelo, daquela freguesia, há-de ser posto pela primeira vez em praça e pelo valor de 9.000\$00 a meação da executada nos bens do casal dela com seu finado marido João da Silva.

Amares, 21 de Março de 1963.

O Juiz de Direlto,

a) Fernando Adelino Fabião.

O Escrivão,

a) Vitor Manuel Lopes Afonso.

## Dor de Coração

Por Ellisio Gonçalves

Relativamente á Africa a política americana acaba de sofrer uma modificação profunda com as declarações recentemente feitas na ONU pelo seu delegado. A política externa portuguesa conseguiu convencer os Estados Unidos do erro praticado em que colaborou e que deu origem aos crimes que se praticaram no Congo e em Angola á sombra desse «erro» propositado ou de má interpretação da letra e espírito do regulamento internacional. O que é certo é que o mal está feito e as vítimas desses horrores não são poucas para poderem perdoar os crimes que se poderiam ter

evitado se a leviandade da juventude do sr. Kennedy ponderasse as consequências, o valor da amizade secular de Portugal e a razão que nos cabia como agora foi reconhecido. A questão de Portugal no Ultramar vai ser tratada agora de forma mais compatível com a dignidade das Nações somente pequenas geograficamente como Portugal.

A questão merecia de Portugal outra resposta. Que se respondesse como respondeu a Inglaterra maguada nas suas feridas porque as dores dos outros ela não as sentiu, a respeito da Somália! A Inglaterra dá lições e sabe quando é que os povos sobre o seu domínio estão capazes de se governar. Esta resposta e a reacção da França contra as interferências excessivas da América nos assuntos europeus, foi um contra-vapor á máquina avassaladora da honra e liberdade dos países julgados, mal julgados, subconscientes.

A América é grande, é rica, é poderosa mas tem pontos nevrálgicos que a podem enfraquecer se os abandonar. É isso que agora procura fortalecer com remédios caseiros.

Mas o «deboche» político continuará... se as conveniências o exigirem e para nós a amizade americana passou a ser duvidosa porque existe pelas conveniências ocasionais.

Visado pela Censura

## CARTA DE LAGO

\*\*\*\*\* Aos amigos de perto e de longe \*\*\*\*\*

Os primeiros dias da Primavera fizeram descer a morte na freguesia de Lago. Foi a primeira vez de 1963. A série começou pelo Senhor Domingos José Vieira, ferreiro, do lugar de Vila Nova; que, pelas 17 horas de 24 de Março passou as ombreiras da porta da eternidade. Tinha 74 anos, era casado, e há bastantes meses se encontrava doente. Nos últimos dias sentiu ligeiras melhoras que lhe permitiram sair de casa. Afinal eram as melhoras da morte! Era um homem de bem. Era pai dos Senhores Joaquim Soares Vieira, Alvaro Soares Vieira e Alfredo Soares Vieira, ausentes no Brasil e assinantes de «Tribuna Livre». Era também sogro, entre outros, do Senhor José António

Pires, Presidente da Junta Lago, e assinante da «Tribuna Livre».

#### Caminhos

No tempo da chuva os caminhos de Lago são muito maus. O melhor e mais movimentado encontra-se prejudicado com poças de água que os carros, espalhando a água, aumentam ainda mais. Alguns agricultores, julgo que é de boa fé, deitam a água para os caminhos e, como é natural, estragam-nos mais, tornando a passagem difícil, v. g. no da Carreira, no do Ribeiro.

Os enxurreiros tem sua utilidade. Alguns, porém são insuportáveis, pois constituem verdadeiros charcos de água e lama e tornam os caminhos difíceis de transitar tanto para carros como para peões.

A propósito de caminhos, uma aurora de esperança parece avizinhar-se com o interesse que o Senhor Presidente da Câmara tem pela construção da estrada do Bico à Igreja. Oxalá os bons desejos de Sua Ex.cia se concretizem sem impecilhos de maior e depressa, visto tratar-se de servir a Igreja e uma das regiões mais populosas da freguesia de Lago.

#### As nossas fontes

Aqui há pessoas com o nome de «Fontes» e há também a Casa da Fonte, que certamente deu origem aos «Fontes». Por ironia das coisas a fonte desapareceu da «Casa da Fonte» e esta não pertence aos «Fontes»... Deixai-me dizer-vos que eu preferiria, se me fôsse dado escolher, que a Casa da Fonte fôsse habitada e possuída por um representante da Família, que de lá tirou o nome... Digo isto sem pretender adular ou ferir ninguém! Longe de mim! Pois bem as nossas fontes, com minúscula, são, mais ou menos, o que eram dois mil anos antes de Cristo!... Não vos espanteis com a Sípérbola, porque vou provar. As fontes da

Continua na 3.ª página



# Solução de continuidade no surto progressivo da Cidade de Braga

(Continuação da 1.ª página)

cerces das suas estruturas sociais e de higiene pública.

Num vasto e complicado programa de urbanização, há que contar com a execução harmoniosa e perfeitamente equilibrada de:

- a) Obras reprodutivas de interesse económico-social e essenciais ou urgentes (por ex. avenidas e outras vias de comunicação, escolas, mercado, edifícios públicos, abastecimento de água, saneamento, bairros económicos, etc.);
- Destes, ainda teríamos de considerar aquelas que gozam do poder intrínseco do «impressionismo», actuando sobre a retina e a opinião pública e aquelas que são destituídas desse mesmo poder também chamadas obras essenciais mas «obscuras», tais como os problemas de água, saneamento, electrificação, etc.
- b) Obras sumtuárias (p. ex. Praças, piscinas, escadórios, etc).

Repito, o mérito do impulso foi firmado e está patente numa obra que imperativamente nos «impressiona» a retina. Faltou harmonia e a necessária conjugação de outros factores? Evidentemente, mas Roma e Pavia não se fizeram num só dia!

E quando tudo nos parecia no caminho desejado, de que a obra de vulto se continuasse, emendando-se a tempo devido os erros crassos, frutos de certa impreparação, e de uma autocracia demasiadamente covicta, surge-nos inesperadamente uma nova orientação nos problemas concelhios, que nos impõe a estagnação aparente, o amortecer de um ritmo que era galopante, a incerteza, o pessimismo, enfim o desmontar do primitivo rumo traçado e que traçado estava para levar Braga às verdadeiras culminâncias de um real progresso social de grande urbe capital do Minho.

Que se passara para tamanha mudança na orientação camarária?

Não conheço pessoalmente o actual Presidente da Câmara de Braga, mas sei por informações válidas que se trata de pessoa altamente cotada no meio médico, estruturalmente honesto e eficientemente administrativo. Lembro-me de que o «Correio do Minho» o apresentava, no dia da sua posse, como «um homem de boa-vontade, merecedor da maior estima e consideração e necessariamente, na emergência da hora presente, merecedor do apoio entusiástico de todos de bracarense».

Mais ainda, acrescentava o dito jornal: «Ninguém duvida que o novo Presidente vai encontrar na sua frente uma série de problemas e de obstáculos, de natureza financeira e administrativa, de feição técnica e política, uns de premência inadiável e outros de solução imprescindível e, para os quais, se confia no elevado critério, bom senso e apurado sentido das proporções para levar ao bom termo, no sentido positivo, real e essencial das aspirações municipais, a realização feliz e meritória de uma obra camarária de fundo».

A apresentação do «Correio do Minho» continuava assim: «Ninguém duvidará da competência, do equilíbrio dos métodos e da honestidade dos processos do novo Presidente da Câmara, que ao assumir hoje as suas funções, nada prometerá que não cumpra e tudo fará para enfrentar com decisão e sacrifício de si próprio as vicissitudes de uma jornada municipal erçada de obstáculos, incertezas, apoios vacilantes, de críticos hiperbólicos, de comodistas e nescios, de «velhos de Restelo» e até, quem sabe, de traições e ciladas!»

Ora, todo este elogio não podia

ser mais completo, ao ponto de criar esperanças, certezas, confiança e otimismo quanto ao futuro. Era quasi «oficiosamente» que se definia o Homem e o Programa!

Mas na meditação calma, que nos proporciona o ar puro da aldeia, fiquei sempre a pensar em algumas daquelas passagens atrás citadas, como «na emergência da hora presente»; «obstáculos de natureza financeira e administrativa»; «nada prometerá que não cumpra»; «jornada municipal erçada de críticos hiperbólicos, de traições e ciladas»!

Em política, o que parece é! Por isso, ao ler hoje o jornal de V. Ex.ª Sr. Director do «Tribuna Livre», em princípio, dei-lhe todo o meu aplauso às judiciosas considerações nele feitas e à primeira vista, focado apenas pelo tal factor de «impressionismo», há que lamentar a paragem do surto urbanístico e da promoção económico-social tentado positivamente nos seus primeiros passos, há que repudiar a ideia de um plano de estagnação, há que verberar contra a ineptia e a abulia!

Mas serão, na verdade, esses os factores dominantes e desencadeantes que levaram à solução de continuidade no surto progressivo da cidade?

Serão outras circunstâncias, outras razões poderosas (o estado de «guerra» em que se encontra a Nação) as determinantes desta paragem? Então, por que é que estas determinantes incidiram unicamente sobre o concelho de Braga?

É lógico pensar-se que esta «travagem» se faz, ou superiormente e localizado no Terreiro do Paço, ou se faz pela administração camarária. No primeiro caso, pode o público julgar que se trata de um simples «castigo» ou uma ordem superior visando uma reorganização necessárias de energias física ou financeira, para um futuro rumado no sentido da harmonia e equilíbrio; no segundo, raciocina-se como sendo de incapacidade técnica e administrativa actual ou necessidade peremptória de «arrumar» uma casa em falência após trespasse judicial de emergência.

De qualquer das maneiras, mesmo frente a qualquer compromisso solene de efectuar «arrumos e limpezas» dentro do maior sigilo, mesmo com a vontade sádica de querer ser-se cognominado de «decrepitude e de ineptia» ou mesmo, pela visão errada e teimosa de não se acreditar nas vantagens de certas conferências de imprensa, o certo é, que já é tempo do público tomar conhecimento das verdadeiras razões de todo este nosso problema, que aparentemente se traduz por estagnação no progresso da cidade e do concelho rural!

O município de Braga sempre presente na barricada das horas graves e dos horas alegres, sempre cioso do seu bairrismo e do prestígio real da sua Câmara e dos seus responsáveis e governantes, tem o direito de exigir a proclamação da Verdade, doa a quem doer, e de tomar conhecimento dos entraves que lhe são postos para o seu progresso!

Joaquim M. e Castro (Serzedelo)

# Carta de Lago

Continuação da 3.ª página

Igreja, da Pedreira, de Nogueiredo, de Ponte e de Santa Marta são de charco. Podem ir até lá os sapos, as salamandras... As crianças podem ir lá fazer «chi-chi», as donas de casa podem ir, e vão lá, às vezes, lavar as couves, os lenços da mão, etc. e tal... E são estas as melhores fontes que temos! Quando estas secam vão se procurar e aproveitar uma nascentesinhas no fundo do Ribeiro. Estamos na era dos foguetões, dos astronautas... e Lago não tem uma fonte digna desse nome!!

## Os nossos baldios

Julgo ter havido bastante descuido por parte das nossas juntas quanto à guarda e aproveitamento dos terrenos maninhos. Neste aspecto entendo que todos deverão bater no peito, dizendo: «mea culpa». Estes terrenos bem aproveitados, dariam às Juntas um rendimento muito apreciável e evitar-se-iam questões e roubalheiras de particulares com as naturais inimizades, em coisas deste género.

E, por hoje, é tudo.

Vosso: J. Moreira.

## Condições de Assinatura

| Continente          |         |
|---------------------|---------|
| Ano . . . . .       | 50\$00  |
| Semestre . . . . .  | 25\$00  |
| Ilhas               |         |
| Avião—ano . . . . . | 50\$00  |
| Semestre . . . . .  | 25\$00  |
| Barco—ano . . . . . | 60\$00  |
| Semestre . . . . .  | 30\$00  |
| Brasil              |         |
| Avião—ano . . . . . | 180\$00 |
| Semestre . . . . .  | 90\$00  |
| Barco—ano . . . . . | 80\$00  |
| Semestre . . . . .  | 40\$00  |
| Estrangeiro         |         |
| Avião—ano . . . . . | 180\$00 |
| Semestre . . . . .  | 90\$00  |
| Barco—ano . . . . . | 80\$00  |
| Semestre . . . . .  | 40\$00  |

# Visado pela Censura

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À  
A MODELAR

Telefone 62113

Amares

# Problemas locais

Continuação da 1.ª página

não pode ter-se não o de prestar Justiça à obra do dr. Eduardo Gonçalves, o autor diz:

«A freguesia de Seramil esteve, até agora, completamente ignorada, tendo sido, como tantas outras, sacrificada, em benefício de localidades muito beneficiadas e onde as necessidades do que se tem feito eram bem adiáveis. Quer isto dizer que os problemas respeitantes às populações, sobretudo rurais, devem ser postos às entidades superiores com a maior consciência, do que, consequentemente, resultará a justa solução. Tanto não tem sucedido neste concelho e é por isso que só agora, depois de tantos anos de dificuldades e prejuízos para a freguesia de Seramil, é que alguém, com intenções rectas e autoridade moral, conseguiu a resolução de tão sério problema. Bem sabemos que as autoridades superiores, desde que os assuntos lhes sejam apresentados com honestidade e desejo de bem servir, nunca negam o seu auxílio financeiro, técnico e material».

Por amor à verdade temos de fazer um reparo à notícia. E que se concordamos inteiramente com a parte em que diz que a freguesia de Seramil esteve, até agora, completamente ignorada como tantas outras, pois em verdade o concelho de Amares se deixou atrasar

como nenhum outro em todo o País, não concordamos que tenha sido sacrificada em benefício de localidades muito beneficiadas e onde as necessidades do que se tem feito eram bem adiáveis.

Entendemos, e a gestão do dr. Eduardo Gonçalves mostrou-o com eloquência, que se pode simultaneamente fazer progredir todo o concelho desde que haja espírito de iniciativa e boa administração. Quer, possivelmente, referir-se à parte da Vila de Amares que se gastaram 1.200 contos em águas e em casas para pobres, dado que nas outras obras, como sejam as de Freixo, o Município, não obstante a sua grandiosidade, só disporá de 80 contos para a localidade que mais rende para o erário camarário.

Mas aquelas obras de 1.200 contos também eram precisas; o preciso é que se fizessem com o espírito que o articulista defende: «dando a nossa concordância a iniciativas ou sugestões, depois de estudadas convenientemente, em todas as suas facetas, e de se concluir que resultam benefícios palpáveis».

Em suma: somos pelo trabalho, pela iniciativa, que podem suprir as necessidades dos povos sem que dádiva a um prejudique outro. De resto o Governo tem demonstrado que apesar dos dispêndios do nosso Ultramar continua a cumprir cabalmente.

# Ao povoar ou repovoar o seu aviário prefira fazê-lo com pintos do dia

(Continuação da 2.ª página)

a modalidade mais aconselhada. Apresentando certos inconvenientes, como sejam despesas com a criação, alguns conhecimentos basilares, etc. as vantagens são-lhes muito superiores. Efectivamente, além dos riscos serem menores, o avicultor tem oportunidade de se familiarizar com os aspectos da criação, adquirindo, assim, um somatório de conhecimentos práticos absolutamente indispensáveis a todo aquele que pretenda dedicar-se a este sector da exploração animal. Evidentemente que o avicultor, ao comprar os pintos deverá procurar um vendedor idóneo que lhe forneça bons produtos sob os aspectos qualitativo e sanitário, e, além disso, a preços relativamente baixos, isto é, economicamente viáveis. Se pagar os pintos por qualquer preço, como algumas vezes acontece, com mais ovos, ou quilos de carne que venham a fornecer, jamais cobrirão os respectivos custos de produção.



CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telef. 22526 BRAGA

RELOJOARIA  
MAURÍCIO  
QUEIROZ



# S. Paio de Seramil IRREGULARIDADES

(CONTINUAÇÃO)

Segue-se, no livro dos capítulos, o registo de uma portaria do teor seguinte: «Auto de juramento de fidelidade—Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de Mil oitocentos e vinte aos vinte e um de Setembro do dito ano, neste cidade de Braga e Paço Arquiepiscopal, em presença do Ex.mo e Rev.mo Snr. Arcebispo Primaz Dom Frei Miguel da Madre de Deus compareceram o Reverendo Cabido, da Santa Sé Primacial, os Reverendos Ministros da Relação Eclesiástica, os Reverendos Parocos das freguesias da mesma cidade e outros, que nela se achavam presentes, como também os Reverendos Reitores dos Seminários de São Pedro e São Caetano, e os Capelães dos Conventos das Religiosas da dita cidade, abaixo assinados, afim de prestarem o juramento de fidelidade ao Rei, às Cortes, à Constituição que elas fizerem, e obediência ao Supremo Governo do Reino, e assim com efeito o prestaram nas mãos de Sua Ex.cia Rev.ma, conformando-se em tudo com as ordens do mesmo Supremo Governo e com o que se praticar no Auto da Camara Geral da cidade do Porto, e com a portaria e exortação de Sua Excelencia Rev.ma a todo o clero do Arcebispado para satisfazerem ao sobredito juramento, a qual portaria é do teor seguinte: Em observancia das ordens da Junta Provincial do Supremo Governo do Reino, que mandam aos Rev.dos parocos, e mais eclesiásticos, de todo o Arcebispado prestar juramento de fidelidade ao Rei, às Cortes, à Constituição Nacional que elas fizerem, e obediência ao Supremo Governo, ordenamos ao Nosso Rev.do Cabido, aos Rev.dos Ministros da Nossa Relação, e aos Rev.dos párocos desta Nossa cidade compareçam perante Nós, no dia vinte e um do corrente mes pelas onze horas da manhã, afim de prestarem o juramento na forma exposta, assinando o Auto que se há-de formalizar conforme ao Auto da Camara Geral feito e assinado na cidade do Porto, o que também praticarão os Rev.dos Vigários Gerais das comarcas, e achando-se algum destes impedidos, nas do Paroco mais antigo da vila em que assiste. E outro sim determinamos a todo e a cada um dos Rev.dos parocos compareçam, os desta comarca de Braga perante o Nosso Rev.do desembargador Provisor, e os da comarca de Valença, Vila-Real, Chaves e Moncorvo perante os Rev.dos Vigários respectivos afim de igualmente prestar o juramento mencionado, o qual poderão satisfazer por seu bastante procurador, aqueles que mostrarem achar-se gravemente impedidos por molestia, o que hão-de comprovar dentro do peremptorio termo de oito dias depois da intimação desta Nossa portaria, assim como serão obrigados todos os clérigos de todas as paróquias a comparecerem na igreja perante o seu respectivo pároco, para prestarem com toda a solenidade o mencionado juramento, que será remetido à cabeça da Camara, donde Nos será enviado com o que aí mesmo se formalizar, para ser por Nós remetido ao Supremo Governo, em termo breve. Esperamos do patriotismo e mais virtudes do respeitável clero que gostosamente cumpria este dever muito conforme à doutrina do Apostolo, que nos manda obedecer às autoridades constituídas, não só pelo temor, mas por consciência, roborando com suas palavras e exemplo a união e concordia que tão felizmente tem reinado entre todos os Portugueses, em uma crise na qual eram para rever-se os horrores da guerra civil, e da anarquia, louvando por isso a Deus, e dirigindo ao mesmo Senhor orações fervorosas afim de que os designios e fadigas do Governo restaurador consigam a desejada reparação dos males que iam levando, ao princípio, esta Nação, digna de melhor sorte, e que tanto se tem distinguido entre os povos cristãos mais civilizados, esperando-se que recobre seu esplendor antigo, conservada em toda a sua pureza e Santa Religião do Nosso Salvador Jesus Cristo, restituídos os Nossos foros e regalias que as desgraças dos tempos tinham posto em deplorável esquecimento, e que pelas Cortes e Constituição se nos hão-de conservar íntegras, salva sempre a fidelidade e vassalagem que se deve ao Nosso Monarca o Senhor Dom João Sexto, à Augusta Dinastia da Casa de Bragança. Confiemos no Senhor que nos dará os auxílios necessários para o complemento desta grande obra, conservando no meio de nós a pureza da Fé, as doçuras da Esperança, os ardores da Caridade, e todas as mais virtudes de que o Governo se propõe dar-nos o exemplo. E porque este Reino foi sempre tão feliz e religioso, redobremos pois as nossas orações e esperemos na misericórdia do Altíssimo, que não desampara os que o invocam com a prática das boas obras. Façamo-nos dignos da sua protecção e nossos desejos serão plenamente satisfeitos. E para que chegue de todos, ordenamos ao Nosso Rev.do Desembargador Provisor mande passar as ordens do estilo, com o teor desta Nossa portaria para as visitas desta comarca.

(Continua no próximo número)

(Continuação da 1.a página)

dizendo famoso, não estou a exagerar: o vinho verde é aqui muito apreciado por aqueles que realmente um dia o beberam. Aqui um almoço ou jantar acompanhado de vinho verde só nas festas. É o vinho natural mais caro. Mas constitue quase sempre uma desilusão para aqueles que já o conhecem: só raras vezes não é falsificado.

A maior parte dos exportadores não são do Minho. E assim se vê o vinho verde entregue a estranhos que o desonram em vez de o respeitar. Que o vinho verde necessite de composições, concordo. Mas essas composições só contribuem para realçar as suas naturais qualidades e não para o multiplicar...

Numa hora tão crucial para a economia da Lavoura minhota é um crime que os seus produtos estejam—como sempre estiveram—entregues ao sabor de arranjistas. E não se melhora isto. Que é que faz ou que é que fez a afamada Comissão da Região dos Vinhos Verdes? E a Cooperativa dos Vinhos Verdes de Palmeira? Não apareceu uma entidade competente que ponha termo a estas irregularidades? Por quanto tempo se prolongará esta situação? Pode-se conceber que custando aí ao pobre lavrador um litro de vinho quatro ou cinco escudos custe aqui trinta e dois escudos e cinquenta centavos e até mais? Para quem vai a diferença? Para o lavrador, não: para o comerciante aqui, também não. Desde o lavrador ao comerciante aqui são vários a ganhar e não se compõem com pouco. Como uma verdadeira Cooperativa resolveria terminantemente tanto intermediário inconsciente que abusa da pobre e abandona da classe agrária. As coisas a continuarem assim pense os sociólogos como devem sustentar a fuga do povo do campo para as cidades e sobretudo para o Estrangeiro!

Nascido e criado no coração do Minho—terra de Gualdim de Paes—e hoje tão distante dela, sinto repulsa ao constatar estas anomalias: o vinho verde perde a sua fama mundial; o lavrador não terá gosto de produzir em quantidade—esta é feita pelos falsificadores que uma incompetente fiscalização consente; o comprador fica sem o seu dinheiro e a sua saúde e a Nação mais pobre.

Na era dos descobrimentos a população rural diminuiu bastante. No dizer do Dr. Conceição Nunes, a população estimada quando de Aljubarrota era superior a um milhão de habitantes, havia decrescido em Alcacer-Quibir para duzentos mil. O mar vingou-se bem da aventura dos portugueses. A atração por Lisboa, empório

comercial, constituía outro motivo para despovoar o campo. E Sá de Miranda que no-lo diz em carta escrita a António Pereira:

«Não temo de Castela  
Donde a guerra ainda não soa.  
Mas temo-me desta Lisboa  
Que ao cheiro desta canela  
O Reino nos despova.»

Hoje, não com o «cheiro da canela» mas com o fim junto de ganhar o pão de cada dia, milhares de portugueses vão para o Estrangeiro quando podiam ter esse pão assegurado se os problemas da Lavoura fossem solucionados. E esse agrário, semi-analfabeto, que deixou a sua terra natal cheio de saudades e mergulha lá no Estrangeiro Deus sabe em que circunstâncias, sabe muito bem que não existe razão para isso; que alguém falhou na sua missão de proteger esse povo que hoje não se contenta em «empobrecer alegremente.»

Julgo que já existem aí organizações bastantes que podiam amparar a Lavoura suficientemente. Se «pelos

frutos se conhece a árvore» neste ponto não estou de acordo. Essas organizações nunca estiveram nas mãos de inteligências lúcidas que pensassem que os grandes problemas agrários não se resolvem com papéis e voltas dentro do aconchego das secretarias. Barucracia em demasia e trabalho proflúo a menos. Para onde caminhamos?

É necessário vir para o meio do povo; para a praça pública; presenciar as suas misérias e auscultar as suas aspirações; trabalhar ao lado dele e revolucionar a produção; defender resolutamente os seus interesses nas assembleias onde se jogam os interesses desse povo; des-cortinar para além dos nevoeiros habituais horizontes plenos de luz, regiões onde os seus fazem falta. Desta forma será encontrada solução para o drama em que se debate a classe agrária cujos efeitos desastrosos a Nação já começou a sofrer.

Manuel de Oliveira Veloso

## OITO OU OITENTA!

### TRIBUNAIS

Templo de Justiça. Dentro dessas paredes frias deve estar sempre o calor da Justiça. Os nobres magistrados, fogareiros da mesma procedência jurídica não podem abdicar da mesma temperatura.

Veio no jornal o Janeiro de 20 de Março, na 8ª página uma notícia intitulada «Tribunais» muito perigosa para a dignidade da magistratura que se aquece no mesmo fogareiro jurídico e moral. Vamos transcrevê-la na íntegra sem a menor apreciação á gravidade do assunto, pois o caso dá na vista aos leigos na matéria: Ei-la:—

Em Dezembro do ano passado, foi julgado, no 2.º Juízo Criminal, tribunal coletivo a que presidiu o corregedor sr. Dr. Azevedo Soares, Camilo Fernando Ribeiro da Costa, morador na Rua Cândido dos Reis, 623-1.º, em Gaia, porque tentou envenenar a própria mulher, Maria de Lourdes Ferreira de Almeida Costa, a quem ministrou, por várias vezes, veneno na comida, isto depois de ter arranjado outro namoro.

O Tribunal condenou-o, então, na pena de 22 meses de prisão correcional e multa por ofensas corporais.

O Delegado do Ministério Público, sr. dr. Neto Parra, recorreu desta sentença para o Tribunal da Relação, onde o caso foi, agora, julgado novamente.

Este Tribunal alterou aquela pena para 20 anos de pri-

são maior e 10.000\$00 de indemnização à ofendida, por entender que o réu praticou, com premeditação, um crime de homicídio frustrado. O caso será, ainda, apreciado pelo supremo Tribunal de Justiça. As conclusões desta maneira de fazer justiça só os leitores as podem tirar mas os maus aplicadores das leis também deviam ser réus quando não sabem ou não querem fazer Justiça. Aguardem o resultado da apelação para o Supremo Tribunal de Justiça para voltar-mos a falar na triste situação em que está a nossa Justiça.

Elísio Gonçalves

### «A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

### TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga no Quiosque Central Largo do Barão de São Martinho

Visado pela Comissão de Censura



# Tribuna Desportiva

## PROMESSAS...

Embora os clubes portugueses alcancem boas carreiras nos encontros internacionais, tanto os que contam para os diversos torneios europeus como os que se continuam a rotular de «amigáveis», as selecções constituídas com os jogadores desses mesmos clubes ainda não conseguiram colocar Portugal no plano de evidência que este país parece realmente merecer.

No mesmo ano em que equipas portuguesas conseguiam uma vitória na «Taça dos Camprões Europeus» e iam aos quartos de final da «Taça dos Vencedores das Taças», a selecção portuguesa era afastada do campeonato mundial, em que, dos dezasseis países que chegaram à fase final de Santiago do Chile, muitos havia que se poderia pensar terem nível internacional inferior ao dos portugueses.

E não valerá mencionar sequer que nesse mesmo ano a equipa portuguesa de júniores conseguia alcançar o título no Campeonato Europeu...

Quer isto dizer que os mesmos jogadores, que nas equipas do seu clube conseguem impor-se a futebolistas das mais variadas latitudes, não chegam a demonstrar, quando são incluídos numa selecção, as qualidades e o valor que efectivamente têm, não conseguem reproduzir a qualidade, a fibra, a técnica e a táctica que nos clubes dão resultado—e vitórias.

Razões? Há explicações para tudo. E essas explicações vão desde a falta de contacto internacional (a selecção de Portugal é, de facto, entre as dos países europeus com futebol evoluído, a que menos encontros tem anualmente que disputar) ao desnível entre os prémios simbólicos de vitória de selecção e os que são dados pelos clubes nos jogos internacionais. (Sem dúvida, há diferença, para um profissional, entre receber dois mil escudos porque venceu a Inglaterra—exponente máximo do futebol europeu na altura ou dez mil escudos por derrotar outro grupo europeu nas meias-finais da Taça dos Campeões...)

Pelo meio, têm-se mil e uma explicações diversas. A principal, parece, é que nos clubes, devido a uma táctica devidamente assimilada, os pontos mais fracos da equipa são «escondidos» pela actuação de outros elementos mais evoluídos, ao passo que na selecção não há essa mesma táctica, pelo que a equipa portuguesa, sem pontos frágeis, defronta outra turma, igualmente sem elementos débeis, mas que tem maior noção de conjunto.

Segundo o actual seleccionador nacional, dr. José Maria Antunes—que inaugurou agora o sistema de reunir periódica-

mente os cronistas especializados para lhes contar «como as coisas vão»—o que falta, pura e simplesmente, é maior contacto internacional da selecção—melhor ainda: maior contacto internacional dos «seleccionáveis». E aponta o remédio para esse inconveniente: dar aos jogadores, desde mais novos, possibilidades de entrarem em jogos com elementos de outros países.

É retomado, assim, em Portugal, o sistema das selecções que por toda a Europa se chamam «dos menos de 23», pois não é autorizada a utilização de jogadores completamente evoluídos, com mais de 23 anos. A regra desses jogos é não se apresentarem os elementos de primeiro plano do futebol do país. E por isso são excluídos habitualmente os futebolistas que, mesmo com menos de 23 anos, já tenham representado o país em jogos internacionais ou sejam conhecidos como jogadores de categoria.

No caso português, a regra ainda se torna mais dura. Há neste momento, em Portugal, quatro jogadores de «menos de 23» — ou «promessas», como tradicionalmente se têm designado por cá—que teriam lugar certo na equipa de qualquer país europeu: Simões, Eusébio e Cruz, do Benfica, e Serafim, do Futebol Clube do Porto.

Nenhum deles alinhará, porém, no encontro de «promessas» que vai disputar-se na Páscoa contra a Grécia. A selecção portuguesa, nesse aspecto, será totalmente uma incógnita, pois não se conhecerá o valor que poderá vir a assumir, qualquer jogador dos que vão defrontar os gregos antes de se ver o que ele é capaz de fazer.

## O BENFICA nas meias

## finais da Taça dos

## Campeões da Europa

Como estava anunciado, realizou-se na passada terça-feira o sorteio para as meias finais da Taça dos Campeões Europeus, que deu o seguinte resultado: Benfica - Feyoorden; Milão-Dumdee.

Veremos se o Benfica se qualificará para as finais; nós confiamos mais uma vez no brio dos nossos representantes.

Ficou também já assente a data em que o Benfica realizará os seus jogos, sendo o primeiro em 10 de Abril próximo na Holanda e o segundo em 8 de Maio em Lisboa.

## TERMINOU

## O Campeonato da F.N.A.T

Os «Leões da Modelar» conseguiram um honroso terceiro lugar, que dignifica não a Empresa que representam, mas também o próprio Concelho de Amares

Formado essencialmente por empregados da Firma o grupo local soube prestigiar o bom nome futebolístico de que já disfruta há muitos anos a Feira Nova.

Ganharam-se e perderam-se jogos, como todos os grupos, mas quando se aproximava o termo da competição, eram vários a pretender o almejado terceiro lugar; e dizemos almejado terceiro lugar, já que o primeiro e segundo, pertenciam aos dois primeiros visto serem grupos com jogadores experimentados, treinadores privados e já muito rodados nestes campeonatos da F.N.A.T.

Foi, portanto, «A Modelar», a equipa, à parte Riopele e Fafe, campeã dos pequenos e isso se deve à extraordinária vontade dos seus jogadores que no antepenúltimo jogo isolaram-se no terceiro lugar, posto em que findaram na competição.

E, como fomos relatando durante os jogos efectuados, se não fôra as lesões e alguns juizes das partidas,



GRUPO REPRESENTATIVO DA MODELAR

De PÉ, da esquerda para a direita: Eloi, Augusto, Zeca, Catelino, João, Carriço e Ramiro (director).

Em BAIXO, da mesma ordem: Flecha, Russo, Gomes, Eduardo e Necas.

temos a certeza que melhor posição final teriam conseguido.

No passado domingo os representantes de Amares defrontaram o Confiança F.C. em Braga, conseguindo um empate a uma bola.

A quem assistiu ao jogo dava a impressão que se a Modelar precisasse dos dois pontos, teria mesmo

ganho o desafio.

A classificação final a seguinte: Pont

- 1.º Riopele
- 2.º Fafe
- 3.º Leões da Modelar
- 4.º Dume
- 5.º Confiança
- 8.º Landim
- 7.º Onça
- 6.º Ruivães

## O DESENVOLVIMENTO

## económico de Braga

(Continuação da 1.ª página)

confrangedor preocupado em afastar ou deitar abaixo todos os seres que motivassem desconfiança de vir a fazer sombra. Esta mesquinha actuação continua com uma teimosia que acabará com as reacções que não estarão longe de mostrar-se.

Não fica mal dizer-se que sendo Braga o ponto de partida de um movimento renovador—28 de Maio—é talvez a região do País em que mais se persiste em continuar actuações, com muito de aprezado para tantos valores que despontam, como não podia deixar de ser numa região de bom nível intelectual. Gastos os actantes ou conhecido o abandono a que votam um aspecto social, neste caso o económico, e eis-nos neste estatismo.

Braga tem condições naturais para a industrialização.

Boa situação geográfica e infraestruturas. No que refere a montagem de automóveis, tem a cidade fábricas de acessórios como é difícil encontrar noutro local. Pois não obstante o grande número de fábricas montadas nenhuma coube a esta região indo enriquecer outras terras menos precisadas.

Tem o Distrito um parque de indústrias textéis notável. Daí o ter o Governo, numa visível atenção a Braga, dado o alvará para uma fábrica nesta região, sendo até possível que houvesse recomendação quanto à cidade, pela maneira como os seus proprietários assim o pretendiam. Indústria para vir a empregar milhares de trabalhadores e gastar dezenas de milhar de contos não foi acarinhada como o devia ter sido e a explicação surgida não é mais que a consumação do que afirmamos.

Quem não tem culpa falta de industrialização? O Governo. O caso acima referido e muitos outros mostram que não esquece nossos interesses, o que tem é quem o secundar.

Até alvarás têm sido dados para depois serem negociados, com bons lucros pelos «incansáveis obreiros» do progresso de Braga.

Ora assim o que teremos a fazer é pelear para que Braga mude os homens, para que mudem os métodos depois as coisas estarão mais fáceis e a cidade encontrará seu caminho.

Telefone do serviço permanente dos Bombeiros Voluntários de Amares

6 2 1 6 2